



# “NINGUÉM TEM MEDO DE ENCANTADO! ELES NOS ENSINAM TANTO”: A CRIANÇA PAJÉ E AS INCORPORAÇÕES MEDIÚNICAS NO TEMPLO AMANÇUY DO AMANHECER EM TERESINA - PI

Márcia Maria da Silva Sousa

Doutoranda em Antropologia na Universidade Federal de Pernambuco  
marcia.sousa@ufpe.br  
<https://orcid.org/0009-0000-9056-0367>

**REVZAB**  
● ● ● ● ● ●



## RESUMO

Aqui, analiso a percepção das crianças pajés sobre os encantados que incorporam durante os rituais do templo Amançuy do Amanhecer a partir da etnografia vivenciada no templo. Os templos da doutrina do Vale do Amanhecer se intitulam como pertencentes a uma tradição Nova Era, que promove a circulação global de experiências espirituais (Amaral, 2000). No Vale do Amanhecer, as incorporações mediúnicas de Pretos Velhos, Sereias, Caboclos e irmãos obsessores ocorrem sem gerar medo nas crianças, que entendem o corpo como um veículo para transmitir as mensagens das entidades. Nesse sentido, o corpo como “mediador e a experiência como pública” (Falcão, 2010). A relação entre magia e simbologia, no contexto de surgimento do ritual dos Pequenos Pajés, é articulada a partir dos livros autobiográficos de Neiva Chaves Zelaya, mulher, caminhoneira e mentora da doutrina. A metodologia inclui narrativas, desenhos, fotos, vídeos, rodas de conversa e grupos focais, em conjunto com técnicas clássicas de pesquisa antropológica, revelando novas perspectivas sobre a atuação infantil no campo religioso. Apresento o resultado das vivências com crianças e adultos do templo do Amançuy do Amanhecer, em Teresina – PI, entre 2018 e 2019. As crianças, por sua vez, emergem como protagonistas de suas histórias, ativas política e socialmente, com lugares sociais e rituais definidos. A ativa participação destas nas atividades propostas ilumina novas possibilidades de compreensão do campo, assim como as especificidades da pauta ética na relação adulto-crianças.

**Palavras-Chave:** Criança pajé; Memória; Encantados; Religiosidade.

## RESUMEN

En este trabajo analizo, la percepción de los niños chamanes (niños pajés) sobre los encantados (entidades espirituales) que incorporan durante los rituales del templo Amançuy del Amanecer, a partir de una etnografía realizada en el templo. Los templos de la doctrina del Valle del Amanecer se identifican como parte de una tradición Nueva Era, que promueve la circulación global de experiencias espirituales (Amaral, 2000). En el Valle del Amanecer, las incorporaciones mediúnicas de Pretos Velhos, Sirenas, Caboclos y espíritus obsesores no generan miedo en los niños, quienes entienden el cuerpo como un vehículo para transmitir los mensajes de las entidades, siendo así el cuerpo un “mediador y la experiencia pública” (Falcão, 2010). La relación entre magia y simbolismo, en el contexto del surgimiento del ritual de los Pequeños Chamanes, se articula a partir de los libros autobiográficos de Neiva Chaves Zelaya, mujer, camionera y fundadora de la doctrina. La metodología incluye narrativas, dibujos, fotos, videos, círculos de diálogo y grupos focales, combinados con técnicas clásicas de investigación antropológica, revelando nuevas perspectivas sobre la actuación infantil en el campo religioso. Presento los resultados de las vivencias con niños y adultos del templo Amançuy del Amanecer, en Teresina – PI, entre 2018 y 2019. Los niños emergen como protagonistas de sus propias historias, activos política y socialmente, con roles sociales y rituales bien definidos. Su participación activa en las actividades propuestas ilumina nuevas posibilidades de comprensión del campo, así como las especificidades éticas en la relación entre adultos y niños.

**Palabras Clave:** Niño chamán; Memoria; *Encantados*; Religiosidad.

---

## ABSTRACT

This paper analyzes the perceptions of child shamans (crianças pajés) regarding the encantados (spiritual beings) they incorporate during rituals at the Amançuy do Amanhecer temple, based on ethnographic fieldwork conducted at the site. The temples of the Vale do Amanhecer doctrine identify themselves as part of a New Age tradition, promoting the global circulation of spiritual experiences (Amaral, 2000). In the Vale do Amanhecer, mediumistic incorporations of Pretos Velhos, Sereias, Caboclos, and obsessive spirits occur without instilling fear in the children, who perceive the body as a vehicle for conveying the entities' messages—thus, the body as "mediator and experience as public" (Falcão, 2010). The relationship between magic and symbolism, within the context of the emergence of the Little Shamans ritual, is articulated through the autobiographical writings of Neiva Chaves Zelaya, a woman, truck driver, and founder of the doctrine. The methodology includes narratives, drawings, photos, videos, talking circles, and focus groups, combined with classical anthropological research techniques, revealing new perspectives on children's roles in religious contexts. I present the results of fieldwork conducted with children and adults at the Amançuy do Amanhecer temple in Teresina, Piauí, between 2018 and 2019. The children emerge as protagonists of their own stories, socially and politically active, with defined ritual and social roles. Their active participation in the proposed activities sheds light on new understandings of the religious field, as well as on the ethical dimensions of adult-child relationships.

**Keywords:** Child shaman; Memory; *Encantados*; Religiosity.

## Introdução

Enquanto construção social e cultural, a infância reflete, a partir de um momento singular na trajetória humana, processos de aprendizado, socialização e imaginação. No conjunto do Vale do Amanhecer, uma doutrina de Nova Era - criada a partir de práticas mediúnicas e sincretismo religioso -, a criança emerge como ator social de um universo simbólico e espiritual, em que a corporeidade se torna veículo de experiência e de transmissão de significados. Essa pesquisa, que compõe um trabalho de dissertação, enfatiza como as crianças pajés, longe de nutrir temor pelas incorporações mediúnicas dos encantados – figuras espirituais de ampla importância na doutrina –, desenvolvem uma relação harmoniosa e educativa com o sagrado, seja durante os rituais, seja em momentos distintos dentro do espaço ritualístico do templo Amançuy do Amanhecer. Nesse ínterim, o corpo não é apenas uma estrutura biológica, mas um mediador cultural e espiritual, capaz de traduzir experiências que interligam o visível e o invisível, o material e o etéreo, conforme as narrativas dos membros, os livros de códigos e as condutas da doutrina.

Ao pensar as crianças em um contexto ritual, como o específico dos Pequenos Pajés, o Vale do Amanhecer promove uma educação espiritual que mobiliza oralidade, prática ritualística e aprendizado experiencial. A figura da criança pajé – tanto as de fora, como as de dentro, é um marco simbólico da conexão intergeracional, carregando valores de amor, humildade e tolerância que moldam tanto o *ethos* religioso quanto as práticas sociais da comunidade. A dinamicidade ofertada reforça a perspectiva de que o brincar, o aprender e o ritualizar, coexistem como dimensões fundamentais na formação dos pequenos dentro do campo religioso, sendo estes percebidos como “os tesouros da doutrina”.

O contexto ritual é permeado por narrativas, brincadeiras livres e direcionadas, desenhos e vivências no terreiro - um espaço de liberdade das crianças, no qual percebemos as nuances entre o sagrado e o profano. Imbricados nesse processo de interseção, compreendemos como a religiosidade é vivenciada a partir de uma perspectiva orgânica, rompendo com concepções convencionais de infância e espiritualidade. Esse fenômeno destaca que os Pequenos Pajés do Vale do Amanhecer ora propõem um desafio e ora uma ruptura com normas sociais tradicionais quando participam ativamente dos rituais mediúnicos, ou ainda, ao ocupar posições rituais, produzindo arranjos e rearranjos - tanto nesses rituais como fora deles.

Desse modo, a análise antropológica posta em ótica mostra, não apenas a relevância da infância e a religiosidade contemporânea, como também denota a capacidade da criança de ressignificar espaços, práticas e valores em uma doutrina de sincretismo e cura. Assim sendo, esse contexto enfatiza a importância de estudar as experiências infantis enquanto profícuas para entender as complexidades do fenômeno religioso, especificamente no âmbito das doutrinas de Nova Era, ou ainda, do Novo Movimento Religioso Brasileiro.

## O Vale do Amanhecer como uma doutrina de Nova Era

O movimento *Nova Era* teve origem no Brasil nos anos de 1960, sendo impulsionado pelo advento da Contracultura no século XX, do fluxo de ideias advindas dos discursos científicos, entre outros. Emerge como um cruzamento de ideias, religião e misticismo que se entrelaçam; assim, novas religiões são formadas, agregando valores dos ritos das religiões de



matriz africana, do kardecismo brasileiro e características dos rituais dos povos indígenas, sendo “[u]ma circulação de experiências, contatos concretos ou desejados entre diferentes tradições culturais numa dimensão global” (Amaral, 2000: 28).

Segundo a autora supracitada, nas origens das religiões do movimento Nova Era, tinham destaque o Transcendentalismo, o Espiritualismo (adotado como filosofia dentro da doutrina do Amanhecer), o *New Thought* e a *Christian Science*. Estas se constituíam como possibilidades de encontros entre as técnicas religiosas/espirituais do Oriente e do Ocidente. Ambas postulam o princípio da cura por meio da manipulação dos poderes da mente e da habilidade performática para influenciar outros. Otávio Velho faz a apresentação do livro *Carnaval da Alma* (2000) de Leila Amaral, destacando a relevância dos estudos sobre as religiões de Nova Era:

A Nova Era somos nós todos. Sutilmente, sua influência se faz sentir, em graus variados, nos hábitos, costumes e crenças, seja no interior das instituições religiosas, nos establishments científicos, nas grandes corporações. De certa forma, o estudo dos grupos “Nova Era” vale não só por sua importância intrínseca, mas pela influência cultural mais ampla que vão exercendo, nem que seja porque simplesmente refletem o espírito de um novo tempo, que por vezes retoma elementos de um passado que se supunha superado, mas, também, seguidamente, antecipando novos padrões de relacionamento (Velho, 2000: 8).

Na busca pela ressignificação cultural, social e religiosa, os adeptos do movimento Nova Era propõem a ruptura com os ideais conservadores do catolicismo ou ainda a “Nova Consciência religiosa”, conforme descreve Roberth Bellah (1977), adotada pelos jovens e idealizadores do movimento de Contracultura: a revitalização do sagrado que viria a ser conhecida como religiões de Nova Era. Seguindo essa mesma concepção de ruptura e revitalização, o Vale do Amanhecer se configura como uma doutrina de Nova Era, permeada de simbologias e sincretismos religiosos, agregando valores conhecidos do movimento *New Age* ou as religiões de Nova Era. Leila Amaral (2000) explica a definição e justifica a ascensão e o potencial atrativo desses movimentos religiosos com vistas a finalidade de quem procura:

A errância espiritual da Nova Era atinge seu ponto máximo, na cidade, através dos diversos serviços oferecidos pelos centros holísticos. Com esse termo, estou designando um conjunto de espaços na cidade, ponto de encontro dos buscadores citadinos, a partir de uma extensa e variada rede de serviços, para o atendimento dos diversos campos de interesse de seus frequentadores, passando pela espiritualidade, alimentação, medicina alternativa, artes, turismo e ecologia. Esses serviços realizam-se ao redor de eventos – “vivências” ou workshops – de natureza terapêutica, divinatória, espiritual e meditativa. (Amaral, 2000: 10).

Ou ainda:

Os indivíduos, com suas convicções e crenças, recorrem a um mercado de bens simbólicos, os “centros holísticos”, para satisfazer suas necessidades pessoais. Uma atitude pragmática de aproveitar o aproveitável para atingir fins particulares, sejam eles “materiais” – saúde e prosperidade – ou “espirituais” – de enriquecimento e fortalecimento interior, através da afirmação positiva do “verdadeiro eu” (Amaral, 2000: 33).

Assim, justifica-se a aceitação desses novos movimentos religiosos enquanto centros de cura e amparo, seja espiritual ou físico. Nesse contexto de ressignificações religiosas, surge a doutrina do Amanhecer. Na visão dos adeptos, essa doutrina é a crença na reencarnação e no contato com seres de outros mundos, como extraterrestres, pretos velhos e os seres encantados<sup>1</sup>. Segundo Renato Ortiz (1999), somente é possível compreender a mística religiosa do Vale do Amanhecer a partir da lógica da mundialização cultural<sup>2</sup>, pois

essa é entendida como desterritorializada, a qual explica a admissibilidade da presença de encantarias de diversas partes do planeta na doutrina.

Seguindo nessa mesma perspectiva apontada pelo autor supracitado, Carmen Cavalcante diz que:

O Vale do Amanhecer fala de povos indígenas andinos, meso-americanos, brasileiros e norte-americanos, todos eles expostos a uma forte aura mítica e aparentemente lá chegados por intermédio de sistemas como folhetos de agências de turismo e lembranças adquiridas nas viagens; assim como da religião umbandista; da religiosidade Nova Era e também dos filmes e séries de faroeste, veiculados no cinema e na televisão. O interessante é que, no Vale, esses mesmos índios também dizem respeito a informações referentes a naves espaciais, a seres de outros planetas, a faraós e pirâmides egípcias, entre outros. Tudo isso ocasionado por o “Vale indígena” ser um texto, no qual a tessitura a ele imanente, sendo híbrida, dá-se a realizar de modo dialógico e complexo (Cavalcante, 2005: 168).

É válido ressaltar que para os não adeptos dessa religiosidade talvez seja pouco provável a admissibilidade desse sincretismo religioso presente na doutrina, mas como diz Mestre Gilmar Moreira:

Para se entender a história do Amanhecer de Tia Neiva, é necessário abrir a mente e o coração. Voar nas asas do tempo, mergulhar nos corredores do passado e sondar os acontecimentos que formam toda a conjuntura que é hoje a corrente indiana do espaço; em suma o Amanhecer de Tia Neiva (Gilmar Moreira, 2019).

O movimento *New Age* ou Nova Era possui características de religiões politeístas, não possuindo um deus único para adorar. Geralmente há a existência de crença em deuses que podem ser encontrados em qualquer lugar, como os encantados, que são cultuados no Vale. Segundo Bartolomeu Medeiros (1998), os adeptos do movimento Nova Era preparam-se para o terceiro milênio por meio das transformações em nível individual e coletivo, bem como as formas de pensar, socializar e compadecer-se com as dores alheias.

Outra característica desse movimento é a mistura que varia desde os conhecimentos religiosos, políticos, sociais, científicos e crenças na reencarnação, admitindo-se a possibilidade de conversa com seres de outros mundos: “pode-se dizer, então, que se está frente a uma espiritualidade desencarnada, isto é, sem território cultural ou religioso rigidamente demarcado” (Amaral, 2000: 17). Ou seja, essas ressignificações, adaptações que se modificam e produzem arranjos e rearranjos, apresentam-se como um sincretismo em movimento, assim definido por Amaral (2000):

O sincretismo na religião vem deixando de ter, necessária ou exclusivamente, um lugar fixo de hibridação e passou a se constituir, também, no deslocamento, na circulação e no fluxo de identidades. [...] a descanonização da relação entre lugar e essência, que vem se apresentando como um dos aspectos centrais do estilo Nova Era de lidar com o sagrado (Amaral, 2000: 18).

O Vale do Amanhecer identifica-se como uma doutrina espiritualista de preparação para a Nova Era, o Novo Milênio. A doutrina espiritualista do Amanhecer tem como pilar central a crença em três princípios: amor, tolerância e humildade - carregando valores do movimento Nova Era e sua dinâmica no Brasil. Na doutrina do Amanhecer, é ensinado que o bem deve ser cultivado por meio da caridade aos mais necessitados, na colaboração com os trabalhos realizados no Templo e na doação – seja ela de cunho financeiro ou espiritual. Esse ensinar tão recorrente na doutrina perpassa o que compreendo como educação enquanto processo social, tendo em vista que, em todos os rituais, conversas ao redor do Templo e no compartilhar diário da doutrina perpassam as questões educacionais. Na fala dos

interlocutores deste trabalho, é recorrente a perspectiva educacional em que afirmam: “aqui no Vale tudo se aprende e tudo se ensina”, como destaca Mestre Edilson Cavalcante.

A doutrina se expandiu no Brasil e exterior a partir das divulgações dos fiéis e pacientes atinentes à cura conseguida por meio dos trabalhos rituais realizados no Vale. Com a publicização dos resultados dos trabalhos, e pelas publicações dos livros da doutrina, pouco a pouco foi se tendo ciência do Vale do Amanhecer, expandindo-se no Brasil e fora dele. Tia Neiva narra em sua autobiografia que a Espiritualidade Maior já lhes dizia que uma doutrina “tão bem-feita”, baseada no amor, seria a preparação para um mundo melhor. Assim, os templos foram sendo erguidos, primeiro na cidade de Brasília – sendo esse o templo mãe da doutrina, e em seguida para os demais estados e países.

Segundo um inventário realizado pelo IPHAN no ano de 2010, há aproximadamente 600 templos da doutrina do Amanhecer espalhados no Brasil e no exterior. Várias doutrinas de origem Nova Era estabeleceram seus berços rituais na cidade de Brasília, na busca de uma religião anticlerical e antidogmática. Explica-se também as motivações que estimulariam a ampla aceitação das novas religiões em Brasília, originalmente lendária por suas relações míticas e seculares com os preceitos dos novos movimentos religiosos, justificando assim o surgimento do Vale do Amanhecer na cidade e expandindo-se para outras regiões.

Nesse ensejo, cria-se a doutrina do Amanhecer, particularmente um local para quem procura a cura, pautado na colaboração e no trabalho. Conforme aludido, a magia se faz presente em todos os aspectos que compõem a doutrina espiritualista do Vale, quer seja na preparação que antecede os rituais, nas conversas ao pé dos muros da cantina ou nas aulas doutrinárias ministradas. São contadas, pelos adeptos e narradas nos livros de lei da doutrina<sup>3</sup>, as histórias que tratam de sua origem, e estas são permeadas de simbologias e magias. A princípio, conta-se da divisão entre dois mundos: espiritual e físico - importante frisar que a doutrina foi criada a partir dos transe mediúnicos de Tia Neiva e tudo que se sabe sobre a doutrina e a espiritualidade do Vale do Amanhecer foi repassado por ela aos seus seguidores. Desse modo, Tia Neiva retratou a divisão dos dois mundos, e que estes estabeleciam relações paralelas, justificando a admissibilidade de contato com o mundo espiritual por intermédio de um corpo físico, no caso, o corpo de Tia Neiva, que se identificava como clarividente, ou ainda, que tinha conhecimento profundo do mundo espiritual.

As origens espirituais da doutrina do Amanhecer são contadas considerando possíveis reencarnações de seres extraplanetários, “trata-se de um grupo de espíritos veteranos deste planeta, todos com 19 ou mais encarnações, juramentados ao Cristo e que se especializaram no trabalho de socorro, em períodos de confusão e insegurança” (Sassi, 1977: 3). Segundo narram, esses seres eram dotados de grande ciência que vieram à Terra há mais de 32 mil anos com a missão de colonizar<sup>4</sup> e preparar a humanidade para o novo milênio. Acrescenta Sassi:

Atender a essa necessidade é exatamente a finalidade e a missão desse grupo de espíritos que aparecem sob a égide do “Vale do Amanhecer”. Sua missão é oferecer ao Homem angustiado e inseguro uma explicação de si mesmo e um roteiro para sua vida imediata. Para que isso fosse possível, e a missão cumprida com autenticidade, o trabalho não poderia ser feito seguindo-se as velhas fórmulas de religiosidade, considerando-se “velhas fórmulas” os documentos escritos, as revelações de iluminados, de profetas, das tradições, das doutrinas secretas e da dogmática de modo geral, empregada na base da fé e do medo. (Sassi, 1977: 3).

Para os adeptos, esses seres viveram na Terra durante muito tempo realizando a semeadura - preparo para a vinda dos outros seres que habitariam esse espaço. Nas doutrinas



de preparação para o novo milênio ou Nova Era, como é o caso do Vale do Amanhecer, os fatos rituais são narrados como encerramentos de ciclos, denominados de ciclos civilizatórios. Segundo os adeptos, a cada encerramento de ciclo, a humanidade deve se preparar para os próximos; trata-se de um período de transição de uma fase planetária a outra, e essas transições ocorrem de certa forma provocando um caos. Sassi explica:

Num paradoxo aparente, essa “morte civilizatória” produz na mente do Homem a ansiedade por bases mentais mais firmes, mais calcadas na imortalidade da civilização. A descrença nas instituições regentes leva à busca de instituições mais biológicas, seguras, mais transcendentais. Isso pode ser facilmente percebido pela procura atual de soluções religiosas e de novas formas do encontro com o espírito. Atender a essa necessidade é exatamente a finalidade e a missão desse grupo de espíritos que aparecem sob a égide do “Vale do Amanhecer” (Sassi, 1987: 3).

Baseados nos fenômenos de clarividência e entendendo a doutrina do Amanhecer como ciência, Neiva Chaves Zelaya funda a doutrina nos planos físicos. Mário Sassi (1987) explica o surgimento do Vale por meio dos fenômenos de clarividência da médium: “O movimento Vale do Amanhecer foi calcado na existência de um espírito clarividente, cujas afirmações e ensinamentos pudessem ser testados e verificados, individualmente, pela experiência de cada participante, sem jamais dar margens a dúvidas ou incertezas” (Sassi, 1987: 3, grifos do autor). A história de vida de Tia Neiva foi marcada pelo mundo espiritual, sendo fundadora da doutrina espiritualista do Vale do Amanhecer no mundo físico. Ela era casada com Mário Sassi, ao qual confiou a escrita de grande parte do material doutrinário. Tia Neiva começa a manifestar seus sinais de mediunidade e assim desenvolvê-los com a ajuda de seu companheiro, guias espirituais e mãe nenê<sup>5</sup>. Assim, foi fundada a União Espiritualista Seta Branca (UESB).

Desde suas origens aos dias atuais, os templos da doutrina são conhecidos como hospitais espirituais. Tido como um grande hospital, a participação dos mestres no ritual é cheia de técnicas e preces. Esse conjunto e a ação performática realizada pelos mestres é entendida como um trabalho - para participar dos trabalhos oferecidos na casa, todos os mestres necessitam ter uma preparação ritual que perpassa os processos rituais educativos - as pessoas que buscam auxílio/cura nos rituais da doutrina são consideradas pacientes/clientes. Assim, entendo que realizar o trabalho com os pacientes é, ao mesmo tempo, possibilidade de libertar-se de suas dívidas cármicas e obter uma ascensão espiritual. Desse modo, mestres e pacientes buscam uma melhoria em suas vidas, seja ela física e/ou espiritual; por isso a missão da doutrina do Amanhecer é realizar a cura física e *desobsessiva*<sup>6</sup>.

O interesse geral é alcançar o *sadhana*, o caminho espiritual em direção à autorrealização, através de práticas transformadoras que proporcionam mudança moral e espiritual constante numa busca relativamente individualizada. [...] pode-se afirmar que o elemento mais importante no movimento é a possibilidade de facilitar o processo de transformação, as práticas de cura, associadas diretamente com o crescimento espiritual (Amaral, 2000: 30).

Quanto às categorias êmicas de pessoa na doutrina, é dito que “No Vale, só existem duas classes de pessoas: Médiuns (jaguares) e Clientes (paciente)<sup>7</sup>, sendo essa a maneira mais simples de conceituar as pessoas sem incorrer no perigo da discriminação” (Sassi, 1974: 6). Os médiuns jaguares prestam seus serviços ao Templo com vistas a atender os clientes/pacientes que buscam auxílio nesse grande hospital espiritual, como definiu Tia Neiva.

Na doutrina, as doenças<sup>8</sup> são fruto da obra de espíritos obsessores que buscam quitar



suas dívidas cármicas com os irmãos encarnados. Galink (2008) enfatiza que os espíritos evoluídos (mentores espirituais da doutrina do Amanhecer) se apropriam dos aparelhos<sup>9</sup> nos médiuns e por meio do transe mediúnico realizam a cura espiritual, promovem a limpeza para que os médicos da terra<sup>10</sup> encontrem possíveis problemas físicos, orientam os pacientes para uma vida melhor e preparam a humanidade para o terceiro milênio. Essa preparação, segundo Tia Neiva, incluía adaptar-se à linguagem usual do Vale; assim, por meio de seus fenômenos mediúnicos e por intermédio dos pretos velhos, reelabora-se uma linguagem peculiar aos mestres do Vale do Amanhecer, bem como a importância da transmissão oral do conhecimento. No entanto, se faz importante compreender que esta surgiu antes do processo civilizatório e que, conforme disse Tia Neiva, é uma aliada ao processo de escrita como transmissão da tradição.

A própria linguagem utilizada no VDA, para se referir a seu universo, remete a uma lógica dos tratamentos espirituais. Os não adeptos são denominados de *pacientes*, há um ritual denominado *cura*, cujas entidades incorporadas normalmente se apresentam como *doutores*, e os templos são apontados como *Prontos-socorros*, o próprio VDA, enquanto movimento, é denominado, pelos adeptos, como um *Pronto socorro universal*, na medida em que, o que está em jogo, segundo eles, não é apenas a vida do paciente, como também, o desenvolvimento das entidades espirituais, sendo estas, provenientes de diversos planos, e de diferentes planetas, estando em vários graus de evolução espiritual (Oliveira, 2014: 93, grifos do autor).

Até mesmo para um nativo da doutrina, às vezes, a linguagem apresenta-se como de difícil compreensão. No entanto, as “crianças de dentro” são habilidosas com os dialetos e o conjunto de chaves mediúnicas. Por se tratar de uma doutrina de Nova Era, pode-se afirmar que a doutrina do Amanhecer carrega os valores simbólicos da linguagem a partir das religiões de matrizes africanas.

Na vivência religiosa predominou essa modalidade de linguagem, que chamaremos de simbólica. Sua existência em tempos passados e na atualidade representa uma ponte erguida entre o Brasil e a África a partir da expressão do mundo através da linguagem simbólica. A linguagem simbólica que estamos considerando consiste numa realização verbal, que procede da interpretação do mundo baseada no sagrado. Trata-se da linguagem imantada do mito, portadora da força que inaugura as realidades materiais e imateriais (Pereira, 2005: 351).

A linguagem é utilizada em praticamente todos os trabalhos realizados no Templo, exceto em alguns momentos do trabalho de cura iniciática, pois esse ritual é marcado pelo silêncio dos médicos de cura<sup>11</sup>. Neste caso, ocorre por meio da manipulação (ato performático) de energias dos mestres com rituais de passe e entrega (elevação) do espírito opressor, semelhante ao kardecismo (Silveira, 2002). Assim:

Práticas de tipo religiosas se combinam com práticas mais propriamente voltadas ao bem-estar físico e espiritual de cura, de relaxamento, indicando a tentativa de construção e de vivência de um novo estilo de vida que implica melhor qualidade de vida – processo de psicologização das religiões (IPHAN, 2010: 60).

Apesar de usar técnicas de manipulação e uma conotação religiosa empregada em várias religiões de matrizes africanas, é notório no discurso dos mestres do Vale que não se identificam em uma religião, mas em uma doutrina. Assim sendo, assumem uma posição de magia que se coloca em contraposição à religião, pois “é com esse termo que os próprios participantes do movimento Nova Era designam sua “prática espiritual”, em contraste com (ou independente de) a religião e o saber racional institucionalizado” (Amaral, 2000: 34);

assumindo-se a magia como conceito norteador, pois:

[...] a “magia” tem estado frequentemente associada ao conhecimento para o controle, enquanto a “religião” tem estado associada ao culto, à veneração e à busca de favorecimento de seres sobrenaturais, na maioria das vezes conhecidos dogmaticamente. Sem descartar, contudo, o favorecimento de “seres sobrenaturais”, os participantes de rituais Nova Era apresentam-se propensos a rejeitar, não os seres, mas os dogmas definidores desses seres sobrenaturais, a partir de uma religião específica. Vêm se caracterizando, também, por uma busca de técnicas de controle do meio ambiente – a saúde do indivíduo, do planeta e do universo – a partir da “afirmação do sujeito” ou, numa linguagem Nova Era, de um “salto quântico na consciência” (Amaral, 2000: 35).

Os mestres do Amanhecer não se definem enquanto religião, mas como uma doutrina<sup>12</sup>, uma forma de vivenciar a religião.

O Vale do Amanhecer é uma doutrina, não uma religião. Tia Neiva tinha reservas em relação às religiões pelo perigo do fanatismo. Para ela, religião é ter um Deus, ritos e rituais, isso nós temos; entretanto ela insistia em dizer que não era religião. Aqui é visto como um conjunto de normas as quais estão implícitas nos desenvolvimentos. (Mestre Gilmar, 2019).

O vivenciar a religião está intimamente relacionado às práticas de cura. Na doutrina do Amanhecer, as práticas terapêuticas de cura física ou espiritual são diretamente influenciadas pelo Xamanismo, o qual explica a cura por meio das energias e vibrações dos participantes. Isto posto, observa-se que “o processo ritual de autoconhecimento e fortalecimento interior leva o ‘buscador’ ou o ‘mágico de si mesmo’ a deparar-se constantemente com a questão do poder que emana através dele, no seu corpo” (Amaral, 2000: 34).

Para que o mestre realize os ritos mágicos na doutrina do Amanhecer, faz-se necessário desprender-se dos bens físicos e materiais como uma premissa para tornar-se um de dentro/adepto, tendo em vista que todos os rituais realizados são trabalhos e os mestres recebem bônus espirituais para a realização deles. Nas palavras de Gilmar Moreira: “Trabalhamos de graça, quanto a bens materiais, em prol de nossos irmãos. O que ganhamos são bônus espirituais para pagar nossas dívidas cármicas” ou ainda “a oferta de bens espirituais”. Com isso, percebe-se que a realização dos trabalhos e a eficácia das relações de magia que permeiam essa doutrina são pautadas em três aspectos: o mestre (quem aplica as técnicas de manipulação de energia), o paciente (que, por meio da fé, acredita que possa ser curado) e os demais membros participantes (que acreditam na doutrina e estão ali buscando a cura). Essas técnicas são repassadas por meio das aulas doutrinárias ministradas.

Ainda no que tange ao trabalho, é importante frisar que é constantemente presente, no discurso dos interlocutores, a relação que estabelecem uns com os outros dentro da doutrina e da seriedade com a qual realizam os trabalhos. Essa dedicação perpassa desde as crianças até os adultos, conforme destaco um fragmento de meu diário de campo:

Eu estava no espaço do Pequeno Pajé realizando uma atividade de desenho e pintura com algumas crianças em um sábado à tarde, chuvoso e frio, clima não muito comum na cidade de Teresina. De repente percebi uma menina triste, parecia chateada, sentada num cantinho isolado. A convidei para participar das atividades. E assim perguntei:

**Pesquisadora:** Você quer participar da oficina com as crianças?

**Marcela (7 anos):** Queria, mas estou muito chateada.

**Pesquisadora:** Mas o que está te deixando tão chateada?

**Marcela:** Sabe, tia, eu fico muito revoltada quando venho para o Templo para trabalhar e minhas irmãs de falange não aparecem para o trabalho... Eu sou grega, gosto de trabalhar. Não entendo por que elas não vêm realizar o trabalho, tem tanta gente hoje no Templo precisando da gente, eles estão esperando a cura. (Fragmento

do diário de campo).

Esse episódio evidencia que as relações de trabalho e a sua eficácia são traços importantes na doutrina, seja ela dos adultos ou das crianças. Estes dizem que é preciso estar preparado para a Nova Era e o estar preparado está diretamente relacionado com a forma com as quais dedicam-se às atividades do Templo. Nas doutrinas de Nova Era, procura-se um aperfeiçoamento e melhora da humanidade, que devem ocorrer por meio da realização de ritos mágicos. A fala da criança reforça o caráter educativo que representam os rituais. A visão que essa criança tem em relação ao trabalho faz parte de um processo de aprendizado, que muitas vezes não é dito, não é explicado, mas vivenciado. Essa vivência que está imbricada nos processos rituais faz com que ela tenha essa percepção acerca do trabalho; um processo educativo aprendido/ensinado a partir das experiências dos interlocutores, no caso, Marcela.

Os ritos mágicos na doutrina do Amanhecer são diversos e variam muito conforme a necessidade do paciente, como um dos exemplos, destaco o ritual de junção<sup>13</sup>. Nesse ritual, os pacientes são colocados em salas denominadas castelo de junção<sup>14</sup>. Atrás dos pacientes, sentam-se os médiuns doutrinadores que, sob o comando de um mestre e em momento determinado, deverão realizar sete passes em cada paciente. No aléda<sup>15</sup>, posicionam-se um mestre coordenador do ritual e duas ninfas, uma de incorporação e outra de doutrina. Em um momento do ritual, todos realizam suas funções religiosas em prol da cura física, que ocorre na elevação dos élitros (espíritos causadores das doenças). Para isso, considero importante partir da compreensão de magia descrita por Marcel Mauss, em que este afirma:

A magia compreende agentes, atos e representações: chamamos mágico o indivíduo que efetua atos mágicos, mesmo quando não é um profissional; chamamos representações mágicas as ideias e as crenças que correspondem aos atos mágicos; quanto aos atos, em relação aos quais definimos os outros elementos da magia, chamamo-los ritos mágicos. (Mauss, 2003: 55).

A partir disso, percebemos que todo o cotidiano e os rituais do Vale do Amanhecer são permeados por magia, ritos mágicos e processos educativos. É constante as situações de aprendizado que perpassam o cotidiano no Templo e fora dele. A vida dos mestres jaguares dentro e fora do Vale é regida pela conduta doutrinária<sup>16</sup>. A magia, quer seja na condução dos trabalhos ou na limpeza do templo, perpassa as atividades diárias de um mestre jaguar e a crença nos ritos mágicos. Assim:

Os ritos mágicos, e a magia como um todo, são, em primeiro lugar, fatos de tradição. Atos que não se repetem não são mágicos. Atos em que cuja eficácia, todo um grupo não crê não são mágicos. A forma dos ritos é eminentemente transmissível e é sancionada pela opinião (Mauss, 2003: 55-56).

A conduta doutrinária, a crença na magia e a realização dos ritos mágicos são fatores essenciais para o progresso evolutivo espiritual na doutrina do Amanhecer. Os pretos velhos possuem um lugar de respaldo na doutrina, atuam como professores doutrinários a partir das lições de vida que tiveram durante o período de escravização. As aprendizagens que perpassam o cotidiano dos processos educativos no Vale do Amanhecer são realizadas a partir das mensagens repassadas nos tronos pelas entidades, bem como pelo Livro de Leis escrito por Tia Neiva, segundo suas visões mediúnicas. Essas entidades são consideradas pelos adeptos como “altamente evoluídos, como os professores da Nova Era” (Iana Castro, filha de Devas). Conforme dito, as aprendizagens dentro do Amanhecer são caracterizadas de maneira



distinta; mas em comum, podemos pensar que os membros são cotidianamente preparados para a vida religiosa, social e cultural; ou como dizem, a “vivência da Nova Era – O Novo Milênio”.

Como qualquer outra denominação religiosa, a doutrina do Vale do Amanhecer possui seus ritos, simbologias, rituais e processos evolutivos/educativos. Alguns destes são mantidos em segredo. Esses rituais e o sincretismo religioso que por lá transitam, seja nas vestimentas, na forma de circular no Templo ou nos próprios rituais, conforme dito, fazem com que o Vale seja reconhecido enquanto uma doutrina de Nova Era. “Era a pretensão de nossa Tia Neiva, irmã clarividente, que nos tornássemos uma doutrina de preparação para a Nova Era” (afirma Mestre Gilmar).

Conforme aludido, os processos educativos perpassam todo o conjunto religioso que constitui a doutrina do Amanhecer, e esses rituais/processos são carregados de importância, seja para evolução espiritual ou para compor uma hierarquia – que funciona como instrumento de poder e de ordem dentro do Vale. Assim como toda a estrutura do Vale do Amanhecer, há um ritual específico para as crianças, esse sendo o que descrevo a seguir.

### **História e memória do surgimento do ritual de Pequenos Pajés**

A relação de magia e simbologia no contexto do Vale do Amanhecer também perpassa o espaço das crianças, denominado de Pequenos Pajés. Segundo os mestres da doutrina, a princípio, o Pequeno Pajé é um ritual que faz parte do conjunto de obras sociais desenvolvidas nos templos do Vale do Amanhecer. Essa atividade, que também é um ritual, tem por finalidade fazer com que as crianças entendam sobre a doutrina e os valores para as suas vidas.

A memória, aqui evocada enquanto narrativa a partir do livro de Leis deixado por Tia Neiva, que conta sobre a história dos Pequenos Pajés, que remonta a uma lenda na qual um casal de cientistas resolve desbravar o mundo em busca de uma Aldeia Encantada. Passam por grandes aventuras, perigos e encontros. Um sábio os guia pelo caminho da jornada, esse sábio era um velho pajé. O sábio, então, os instrui de como cuidar do planeta, das pessoas feridas e de todos que precisam do evangelho. Essa história é ensinada às crianças durante o ritual dos Pequenos Pajés. Acredito que essa tenha sido a maneira encontrada por Tia Neiva para tratar dos planos espirituais com as crianças a fim de explicar-lhes a formação do Pequeno Pajé nos planos espirituais.

Assim como nos demais templos da doutrina, as crianças transitam por todos os espaços, quando não há rituais acontecendo no momento, pois alguns deles são restritos aos adultos. Aos domingos, que é o dia destinado ao ritual das crianças, elas chegam, geralmente às 09h00, encontram-se, brincam juntos e ficam sempre de olho para saber se o ritual vai começar, pois, categoricamente, o ritual se inicia às 10h00, sendo composto de limpeza espiritual com incorporação de pretos velhos, leituras, explicação do evangelho e lanche. A seguir, uma imagem dos Pajés do Amançuy do Amanhecer que esboça um desses momentos do ritual.



Fotografia 1 - Momento de leitura do evangelho e conversa sobre a doutrina do



Fonte: Acervo da autora (2018).

27

Em sua autobiografia, Tia Neiva enfatiza que durante a infância, a criança apresenta-se mais sensível às emoções e por isso faz-se necessário manter os Pequenos Pajés afastados de práticas mediúnicas<sup>17</sup> para que não atrapalhem seu desenvolvimento enquanto criança. Nesta fase, elas ficam suscetíveis às energias espaciais<sup>18</sup>, por isso, é preciso tomar cuidado:

A energia mediúnica é produzida na intimidade dos ossos, na medula, no “tutano”. Desde a formação do feto humano, até mais ou menos os sete anos de idade, essa energia se dilui no organismo, de tal maneira que toda criança é um médium natural. [...] Esse fenômeno varia de criança para criança, dependendo de fatores complexos que circundam cada uma, mas de modo geral todas “veem”, “ouvem”, “escutam” e “tocam” o Mundo Invisível. As crianças se comunicam com o mundo invisível como com o mundo físico, na proporção inversa das idades. Os sentidos vão se desenvolvendo e se firmando e, nessa proporção, vão diminuindo as percepções do Mundo Invisível até desaparecerem quase que por completo na faixa dos sete anos (Zelaya, 1976: 2).

Mesmo que as crianças não realizem incorporações baseados nos pressupostos deixados por Tia Neiva, elas observam os adultos incorporados, e até quando não é uma entidade, dita por eles, “de luz”, não demonstram temor. Quando essas crianças completam quatorze anos e manifestam interesse em participar das atividades doutrinárias, podem ser encaminhadas ao desenvolvimento para jovens. A inserção delas nessas atividades pode ocorrer também mediante uma mensagem de convite feita por um Preto Velho transmitida aos responsáveis da criança. Em nenhum momento o Pequeno Pajé deve ser incitado a participar das atividades do Templo, isso deve ser feito segundo sua própria vontade.

É relatado por mestres e ninfas da doutrina que até os quatorze anos, as crianças que frequentam as atividades do Pequeno Pajé ambientam-se com o cotidiano da mediunidade, porém afastam-se das aflições do espiritismo, como a incorporação. Nesse espaço sagrado, a criança convive com outras crianças e realiza atividades com promoção de saberes, enfatizando o processo de educação por meio da socialização: “[a]s crianças brincam e

aprendem, é uma espécie de catecismo baseado na filosofia da doutrina espiritualista”, segundo Mestre Gilmar. Para frequentar o Pequeno Pajé, as “crianças de dentro<sup>19</sup>” usam um uniforme especial e participam apenas do trabalho destinado a elas. As “crianças de fora”, geralmente, só participam das atividades, mas não usam uniformes, alguns familiares alegam não ter condição financeira e outras nunca apareceram no local.

### **“Mãe, eu quero ir pra lá, ficar perto de Preto Velho”: Os seres encantados do Vale do Amanhecer na perspectiva das crianças**

As crianças na doutrina do Amanhecer exercem papel social e religioso bem definidos. O local destinado à sua evangelização é chamado de Pequenos Pajés. Conforme dito, as atividades com as crianças começaram a ser desenvolvidas a partir das visões de Tia Neiva. Esta dizia que, se a doutrina nos prepara para a Nova Era, e as crianças são o futuro do amanhã, faz-se necessário ensiná-las sobre o amor, a tolerância e a humildade. De certa forma, o ensinar que Tia Neiva mencionava não era converter as crianças à doutrina, mas mostrar-lhes como é o preceito espiritualista do Amanhecer. De acordo com Mestre Gilmar, as crianças são de grande importância para o Vale:

A doutrina do Amanhecer segue os ditames do Estatuto da Criança e do Adolescente; portanto, procura não induzir na formação religiosa das mesmas, sua importância é a mesma da sociedade civil, são os donos do amanhã (Mestre Gilmar, 2018).

Em sua autobiografia, Tia Neiva evidencia o papel das crianças dentro do Vale. Quando questionada se as crianças deveriam escolher uma religião, esta afirma:

Sim, responderemos nós, é lógico que as crianças devem ter uma religião. Mas, essa religião deve ser algo natural, tão lógica que ela não tenha que abandoná-la tão pronto se sinta adulta. [...] Todo adulto sonha com uma Aldeia Encantada, todos buscamos algo em que possamos confiar e agir. [...] Essa é a nossa “Religião”, um aspecto particular e único da nossa formação multidimensional, a necessidade de relacionamento com outros planos de nosso universo particular, a busca de “nosso” Deus (Zelaya, 1976: 5).

Ela entendia por doutrina a forma de viver e as relações sociais que se estabelecem uns com os outros; assim a religião era concebida como uma escolha natural de viver a doutrina, mas que essa escolha deva ser de iniciativa própria, sem obrigações, para que, futuramente, as pessoas não desistam de vivê-la ou se sintam pressionadas a algo. Assim seguia com as crianças. Os Pequenos Pajés deviam ser ensinados sobre o amor e os princípios básicos de melhora da humanidade para que esses ensinamentos sejam levados para suas vidas.

No que tange às incorporações/possessões no Vale do Amanhecer, elas são realizadas apenas durante os momentos rituais e ocorrem por meio de um elo (duas pessoas com mediunidades opostas). O corpo do apará - médium de incorporação - é o instrumento utilizado para receber/incorporar a entidade; e o corpo e fala do doutrinador - médium de doutrina - para mediar a mensagem transmitida pelo apará e doutrinador espíritos sofredores. Assim, apará e doutrinador - como se fossem um só - funcionam como mecanismos de transmissão das mensagens das entidades por meio das incorporações.

O corpo é o mediador e a experiência é pública. Aquele que é possuído tem seu corpo levado por instantes, e aquele que vê a possessão, que sente o cheiro, que ouve os tambores também experimenta a possessão. Eles parecem possuídos pela possessão do outro (Falcão, 2010: 76).

As crianças participam das atividades rituais com as incorporações e delas não possuem temor: “Eu quero ir pra lá ficar junto de Preto Velho”, essa frase foi uma das colocações mais fortes que ouvi durante o tempo em que estive em campo. Ela veio intermediada por Dona Rosângela, mãe de Pablo, ambos interlocutores dessa pesquisa em um dos encontros nas atividades dos Pequenos Pajés. Assim que soube que eu estaria realizando a pesquisa de mestrado, me chamou em um cantinho e solicitou que seu filho, Pablo, de nove anos fizesse parte, pois ele era “sabido demais” e tinha uma mediunidade muito forte, segundo ela.

**Rosângela:** Márcia, tu precisas colocar o Pablo nessa pesquisa, pois tu não sabes, mas a história dele enquanto pajé é muito linda.

**Márcia:** Sim, Rosângela. Ele deseja participar também?

**Rosângela:** Unhum! Quer! Esse menino chora todo sábado de noite me deixando louca pra vir pra cá, ele já diz: - Mãe, armaria, me leva pro Vale. Eu quero ir pra lá ficar junto de Preto Velho! (FRAGMENTOS DO DIÁRIO DE CAMPO, 2018).

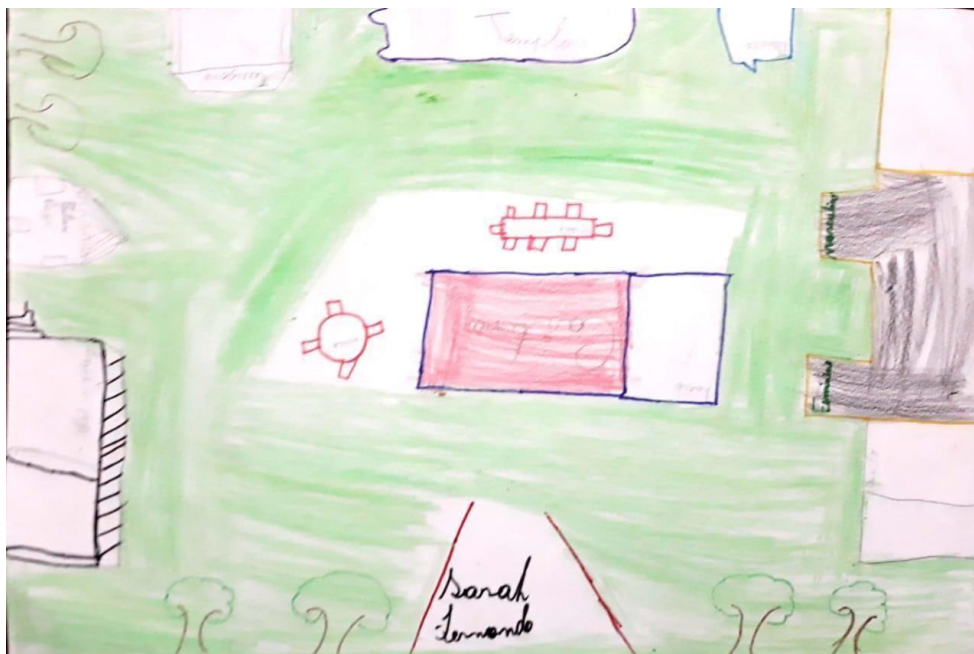
Assim Pablo se tornou um dos interlocutores dessa pesquisa e nosso contato foi ficando cada vez mais próximo. Ele me dizia que quando chegou às atividades, era uma “criança muito danada”, que não sabia se comportar, e à medida que foi fazendo as limpezas com os pretos velhos e ouvindo o que as tias ensinavam, aprendia a ser uma “pessoa melhor”, “sem bater nos outros” e se “comportando na escola e em casa”, e que foram os encantados incorporados que o ajudaram a ser mais solidário e gentil e, por isso, criança não teme encantado, pois eles são bons e só ajudam.

As crianças transitam por todos os espaços do Vale do Amanhecer, entre os mestres incorporados e em algumas salas ritualísticas que a elas são de livre acesso, sem apresentar temor algum – confesso que em alguns rituais eu sentia bastante medo, mas eles seguiam tranquilamente, pois, segundo eles, eles convivem com os encantados em uma relação harmoniosa. Um dos espaços mais apreciados pelas crianças é o terreiro.

O terreiro é um espaço muito significativo na vida das crianças pajés. Localizado próximo à cantina, é compreendido pelas crianças como o lugar de realização das brincadeiras e de entretenimento, e é nesse momento que os adultos realizam os trabalhos/rituais dentro e fora do Templo. Questionados sobre o medo de ficar no terreiro, as crianças diziam não haver medo algum, pois sempre havia um adulto supervisionando ou a “Tia Vanusa” da cantina. Vanusa, que é responsável pela cantina, possui uma relação de afeto com as crianças; ela explica que na cantina não se pode correr e nem fazer barulho, uma vez que fica bem próximo ao Templo. As crianças entendem que nas áreas próximas a este é necessário silêncio para que haja eficácia e respeito na realização dos rituais. O espaço do terreiro fica assim localizado.



**Fotografia 2 - Croqui individual do Templo Amançuy do Amanhecer.**



Fonte: Sarah Fernanda (2019).

Toda essa área verde representada no croqui de Sarah Fernanda é o terreiro. As crianças ocupam esses espaços por meio de brincadeiras e conversas. Acompanhei durante muitas tardes as aventuras pelo terreiro do Vale. As brincadeiras de correr me faziam chegar em casa com areia dentro dos olhos e um afago na alma, por me fazer buscar as minhas memórias de infância nas brincadeiras com as crianças pajés no terreiro. Quando perguntei o porquê de se chamar terreiro, todos disseram que nas “casas de interior”, esse espaço é assim chamado, então esse era o melhor nome. Como eu também tenho origens no interior, conhecia e me identificava com a terminologia. Sem mais respostas, assenti para a denominação.

Foi na oficina de desenhos que percebi que, entre as crianças, o terreiro é o espaço da liberdade, de agência. Ao conversarmos sobre os espaços do Templo, elas me diziam o que representava cada um deles e o terreiro foi categorizado como o espaço de liberdade. Como mostra o desenho de uma das interlocutoras.



Fotografia 3 - Desenho do terreiro como momento de liberdade.



Fonte: Marcela (2019).

As crianças citaram o terreiro como “nosso momento de liberdade” ou “espaço de liberdade”, sendo enfáticas nessa afirmação. Como vemos no diálogo:

Pesquisadora: Por que o terreiro é o espaço de liberdade?

**Marcela:** Ah, porque é o lugar que a gente pode brincar, correr e gritar. Ninguém vai mandar a gente calar a boca...

**Pesquisadora:** Calar a boca?

**Kelson:** Sim, tia, porque perto do Templo não pode gritar, sabe? Porque estão fazendo trabalhos.

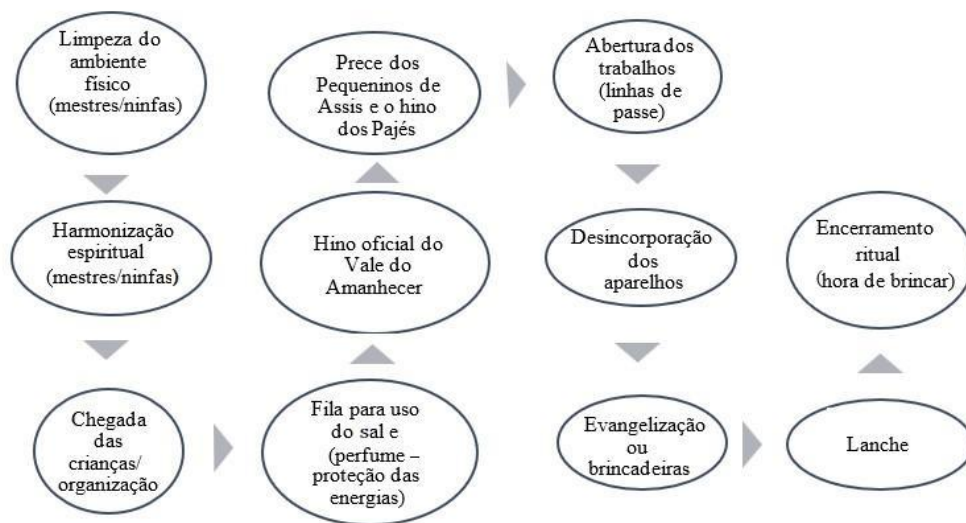
**Miguel:** Lá dentro as entidades de luz estão incorporadas, então a gente deve respeito, porque são seres de alta hierarquia, precisam de silêncio para que possam passar suas mensagens aos pacientes. Também é respeito, né? É um ritual.

**Sarah Fernanda:** Por isso a gente diz que aqui é nossa liberdade, porque distante do Templo podemos brincar e gritar e estamos respeitando os trabalhos e também o nosso momento (FRAGMENTOS DO DIÁRIO DE CAMPO, 2018).

As crianças consideram importante o respeito à conduta doutrinária, que perpassa pelo respeito às entidades e os trabalhos/rituais realizados na doutrina. Os espaços são ocupados mediante as funções que atribuem. Nesse sentido, o terreiro<sup>20</sup> é entendido como o lugar em que convivem entre seus pares, brincam, aprendem e ensinam.

O ritual específico realizado com as crianças, conforme aludido, é o dos Pequenos Pajés. Ele é entendido como um processo ritual, pois obedece a um ciclo até que seja finalizado. Acontecendo da seguinte maneira:

### Diagrama - Processo ritual: Pequenos Pajés.



Fonte: Autora (2018/2019).

Todo o processo ritual do Vale do Amanhecer é cíclico, inclusive o das crianças. Assim, passo a narrar um desses momentos. Este, geralmente, inicia-se às 10:00 horas do domingo e encerra-se ao meio-dia. Antes das crianças chegarem, as ninfas e mestres realizam a limpeza do espaço onde elas ficam (por enquanto um salão improvisado, pois a oca dos Pequenos Pajés está em fase de construção). Em seguida, a limpeza espiritual é preparada, realizada pelos mestres, com defumadores e preces. Depois disso, as crianças começam a chegar e são colocadas em uma fila organizada pelas ninfas, para uso do sal e perfume como objetos sagrados e de proteção contra as energias que serão manipuladas durante o ritual.

32

### Fotografia 4 - Fila ritual para usar o sal e o perfume.



Fonte: Autora (2018).

Depois disso, mestres/ninfas e crianças ocupam seus lugares no ritual, sob o comando do mestre coordenador, que no caso do Templo em estudo é Mestre Edilson Cavalcante. Todos são orientados a cantar o hino oficial da doutrina do Amanhecer; em seguida os Pequenos Pajés são chamados a ficar de pé com os braços cruzados sobre o peito (braço direito sobre o esquerdo) para fazer a prece.

**Fotografia 5 - Pequenos Pajés durante a realização do pai nosso das crianças.**



Fonte: Autora (2018).

Em seguida, é realizada a abertura dos trabalhos com as preces dos mestres e a incorporação dos mentores nos aparelhos (mestres/ninfas apará que realizarão as incorporações). Neste momento, não pude registrar fotos, pois não são permitidos registros fotográficos ou vídeos dos médiuns enquanto incorporados como formas de salvaguardá-los física e eticamente. Essa proibição se estende para todos os trabalhos realizados na doutrina do Amanhecer sob pena de processos e ações judiciais. Nesse espaço, a limpeza espiritual das crianças é realizada por meio de caboclos e pretos velhos. Assim Tia Neiva orienta:

Antes de proceder com a Abertura da Linha de Passes do Pequeno Pajé, o Mestre Dirigente orienta os Pajezinhos para que após a chegada da Entidade, que se dirijam à frente do Aparelho e pergunta com quem está falando, pede a Bênção retornando à sua posição de Honra e Guarda (Zelaya, 1992).

Logo depois, as crianças voltam para os bancos iniciais e o mestre autoriza o encerramento do trabalho de linha de passe (desincorporação dos médiuns). Em seguida, os médiuns são liberados do trabalho e dá-se início à evangelização das crianças, que pode ocorrer por meio da leitura de textos instrucionais ou bíblicos e brincadeiras. O momento da evangelização das crianças é mediado pelos mestres/ninfas. Geralmente, estes fazem a leitura do evangelho ou de uma passagem bíblica e conversam sobre a aplicabilidade da leitura em suas vivências diárias. Alguns mestres contaram que não possuem nenhum tipo de formação acadêmica, mas demonstram um conhecimento doutrinário e pedagógico. Após a evangelização, os pajés são organizados para o lanche, um dos momentos mais esperados por



eles. Algumas crianças da comunidade afirmaram durante os grupos focais que o seu maior desejo e espera é a chegada do domingo, pois o Pequeno Pajé é o único lugar em que são tratados bem, ganham presentes e lanches. Depois do lanche, as crianças estão liberadas para a hora significativa do brincar ou “espaço de liberdade”, mencionado por alguns.

Entender a dinâmica ritual do Vale é compreender os processos educativos como importantes para a constituição da formação do *ethos* religioso de crianças e adultos. Além disso, é possível verificar que, a partir desses processos educativos, os indivíduos passam a ocupar os lugares rituais definidos por sua evolução espiritual. Nesse contexto, percebemos que as crianças conhecem sobre a doutrina e que ensinam aos seus pares e aos adultos, estabelecendo uma relação intergeracional. Ocupam e ressignificam os espaços, lidam com os encantados e estabelecem conexões com o espiritual, classificando em sagrado e profano.

## Considerações

Nesse estudo, evidencia-se como a etnografia pode revelar nuances importantes sobre práticas religiosas e sociais em comunidades específicas, nesse caso do Templo Amançuy do Amanhecer, em Teresina-PI. A partir da observação participante e do uso de narrativas infantis, percebe-se como as crianças pajés se destacam como agentes ativos e transformadores no contexto do Vale do Amanhecer. Elas não apenas participam dos rituais como aprendem e ensinam, criando uma relação de profunda harmonia e respeito com os seres encantados e os processos espirituais.

A ativa participação das crianças nas atividades do ritual dos Pequenos Pajés possui um caráter social, religioso e, também, educativo. Nesse ínterim, elas são ensinadas sobre possíveis valores morais para a formação dentro de um contexto social e ritual. Ensina-se durante o ritual, especificamente durante a evangelização dos pajés sobre o amor, a tolerância e como lidar com os conflitos que possam existir. É frequentemente percebido na fala dos interlocutores dessa pesquisa que as aulas/benedições/rituais são nuances significativas no processo de formação moral daqueles que participam. As crianças interlocutoras dessa pesquisa, destacam que os valores morais aprendidos no Vale são levados para fora das cercas do Templo. Destacam, ainda, que após a inserção deles no ritual dos pajés, a educação que lá recebem os torna mais tolerantes para a convivência social e escolar.

Na visão das crianças mais velhas, a educação recebida no ritual dos pajés é reconhecida por seus professores na escola, dita por eles “normal”, pois são mais calmos e sabem lidar com os colegas e professores em classe de maneira harmônica. Enfatizam que, ao passar pelo ritual de limpeza com os Pretos Velhos, tornam-se mais leves e preparados para lidar com o social, para o enfrentamento do mundo e para o preparo da Nova Era.

Durante os rituais as crianças convivem entre os encantados e a percepção destas sobre as incorporações mediúnicas rompe diretamente com estereótipos de medo ou estranhamento, mostrando que o contexto ritualístico e educativo da doutrina promove uma vivência espiritual acolhedora. Nesse sentido, a dimensão lúdica e pedagógica do ritual dos Pequenos Pajés reforça a importância do brincar e aprender como pilares para a formação do *ethos* religioso, integrando espiritualidade, socialização e construção de valores éticos.

Além disso, vale destacar o uso do corpo como mediador simbólico entre o material e o espiritual, evidenciando o papel performático e pedagógico dos rituais na educação religiosa e intergeracional. Assim, essa pesquisa contribui para entender como as crianças



ressignificam espaços e práticas, ocupando um lugar de protagonismo nas dinâmicas religiosas do Vale do Amanhecer.

Ao se falar em espaços, compreende-se os lugares sagrados/profanos destacados na fala dos interlocutores. Nesse contexto, percebe-se que esses lugares são ressignificados através das crianças e elas representam as funções sociais que adquirem ao longo do tempo. Elas conhecem esses locais e as ações que podem ser realizadas em cada um deles, e estas ensinam às demais crianças como se portar em um espaço sagrado. Adultos e crianças têm seu papel social e lugares definidos. Estes conseguem demarcar seus espaços de ritual a partir dos processos rituais/educativos, e estes são lugares de prestígio e de direito. Os lugares sociais são marcados pela presença e até mesmo pela imposição de autoridade, haja vista que, dependendo do espaço, as regras precisam ser mantidas. Percebo também que, na região do Vale, há forte presença do sagrado e do profano. As crianças evidenciam isso quando colocam o terreiro como espaço de liberdade e o Templo como seriedade, ou seja, os lugares são ocupados e ressignificados de acordo com as ações que lá são realizadas.

Os Pequenos Pajés são ensinados sobre os princípios básicos da vida em sociedade, e embora não fosse a intenção de Tia Neiva, hoje essas crianças são vistas como futuros mestres em preparação, o que coaduna também com um princípio de catequização. A transmissão dos conteúdos entre adultos e crianças, as brincadeiras, conversas e ensinamentos são importantes para a manutenção da estrutura religiosa, bem como para a continuidade da doutrina. Assim sendo, educação e ritual são indissociáveis.

Em suma, este trabalho ressalta a relevância de estudar infâncias em contextos religiosos, evidenciando sua capacidade analítica a partir de tradições sincréticas e inovadoras. Ele contribui para ampliar os debates sobre espiritualidade e práticas sociais contemporâneas, além de reforçar a importância da etnografia como ferramenta essencial para a compreensão das complexidades das experiências humanas em ambientes culturais e espirituais únicos.

### Notas:

1 A doutrina do Amanhecer é regida por uma espiritualidade maior, conforme demonstrarei no tópico da hierarquia. As incorporações ocorridas no Vale são essencialmente dos pretos velhos – heranças dos homens e mulheres que foram escravizados e com isso possuem alta evolução espiritual, dos caboclos indígenas – considerados guerreiros fortes e por isso operacionalizam suas forças na doutrina nos rituais de limpeza, os médicos de cura de Mayanti. Geralmente possuem uma roupagem kardecista e sua presença ocorre nos trabalhos de cura. As princesas, sereias e cavalheiros aparecem como guias espirituais dos doutrinadores e aparás.

2 Conceito empregado como um “processo que se reproduz e se desfaz incessantemente (como toda sociedade) no contexto das disputas e das aspirações divididas pelos atores sociais” (Ortiz, 1999: 30).

3 Denomina-se assim o conjunto de regras e práticas doutrinárias implementadas por Tia Neiva para a condução dos trabalhos no Vale do Amanhecer.

**4** O termo colonizar na visão dos espiritualistas do vale do Amanhecer é entendido como algo benéfico, uma construção e sementeira. Acredita-se que esses cientistas reencarnados chegaram para reconstruir a Terra e colocar o mundo em harmonia por intermédio dos poderes espirituais.

**5** Amiga e fiel escudeira de Tia Neiva, mãe nenê foi a primeira médium a cuidar de Neiva quando esta apresentava seus sinais de mediunidade.

**6** Tia Neiva fala nos livros de lei que os mestres jaguares devem trabalhar na missão de curar os pacientes. Essa cura é denominada de “cura do plexo físico ou desobsessiva”. Acredita-se que as doenças que os pacientes encarnados são acometidos são resultado de um “irmão/espírito obsessor”, que por sua vez realiza as cobranças cármicas do encarnado (paciente). Essas cobranças variam de grau e intensidade, dependendo do valor do ato que o indivíduo realizou no passado para esse “irmão/espírito obsessor”; e até que suas dívidas com ele(s) sejam pagas, este irá “lhe cobrar através da perturbação” do seu mundo consciente e inconsciente. Para ser curado, o paciente (encarnado) precisa de um hospital espiritual, neste caso um templo do Vale do Amanhecer. Lá, por meio das manipulações de energia dos mestres jaguares, este será curado. Claro que a eficácia mágica vai depender dos aspectos conforme citados.

**7** Médium é o antigo cliente que, devido a seus compromissos transcendentais, sente necessidade de participar da Corrente, ou seja, trabalhar mediunicamente. Na verdade, eles representam, apenas, a média de meio por cento dos frequentadores, ou seja, dentre cada grupo de 200 pessoas que procuram o Vale, apenas uma tem necessidade de desenvolver sua mediunidade (Sassi, 1973: 6).

**8** A relação doença/cura ocasionada pelos irmãos sofredores ocorre por meio das dívidas que, acredita-se, tenham sido contraídas ao longo de suas encarnações; no Vale, denomina-se herança transcendental. As heranças são as dívidas cármicas. Para que o paciente seja curado, ele precisa passar por rituais, ganhar bônus espirituais e assim tornar-se livre do espírito obsessor.

**9** Na doutrina do Amanhecer, é considerado um aparelho o médium de incorporação que “recebe” os espíritos sofredores e as entidades espirituais.

**10** Categoria ritual para definir os médicos dos hospitais físicos, ditos “hospitais comuns” que estamos habituados a realizar exames. No trabalho de cura, os médicos espirituais do Amanhecer realizam limpezas espirituais. Dependendo do caso do paciente, estes podem “descobrir/limpar” possíveis problemas físicos que estavam escondidos no corpo, os quais médicos e exames convencionais não conseguiriam diagnosticar. Acredita-se que após a limpeza espiritual esses males possam ser observados.

**11** Conta-se que esses médicos de cura ou médicos do espaço foram iniciados no plano espiritual pelo mestre dos mestres, São Francisco de Assis, conhecido na roupagem por Pai Seta Branca, mentor espiritual da doutrina do Amanhecer. Esses médicos são conhecidos por

seu alto poder de cura através de suas mãos e a seriedade com a qual realizam o ritual.

**12** Para os mestres do Amanhecer, “doutrina” se distingue de religião. Perguntados, estes dizem que religião oprime, encarcera e limita os pensamentos. Preferem dizer que são uma doutrina, que para eles é entendida como um modo de ser, vivenciar experiências. A doutrina em si é praticar rituais, mas sem se deixar levar por fanatismos religiosos.

**13** A Junção, cujo trabalho está no Livro de Leis, é uma Cura Iniciática feita com o fluido dos Doutrinadores, utilizando-se o magnético de sete forças ectoplasmáticas diferentes que formam o aton para todas as necessidades, sem esquecer que a sua finalidade é a libertação de elítrios.

**14** Assim são denominadas as salas onde se realizam os trabalhos prescritos pelos pretos velhos no trabalho de trono. São salas específicas para cada um dos rituais realizados no Templo. Há mediação entre os pacientes e os mestres realizada pelos recepcionistas e comandantes do ritual.

**15** Ponto de concentração e manipulação de forças.

**16** Tia Neiva identifica como conduta doutrinária os padrões ideais que todos os mestres devem viver, respeitando as proibições e a forma de se apresentar enquanto um mestre da doutrina dentro e fora do Templo.

37

**17** Nessa idade não é permitido que as crianças do Vale incorporem ou sejam influenciadas a participar dos rituais dos adultos. Nessa premissa foram criados os Pequenos Pajés no intuito de que a criança participe do contexto religioso, mas sem haver incorporação das mesmas.

**18** Acredita-se que depois das 20:00 horas, as energias no Templo ficam pesadas e as crianças podem ser acometidas por problemas físicos e espirituais em decorrência disso.

**19** Categoria êmica para classificar as crianças do templo. Entende-se por criança de dentro aquelas que são filhas de mestres ou que desejam seguir, quando atingir a idade ritual, os passos iniciáticos da doutrina. Enquanto a criança de fora é vista como aquela que participa apenas do ritual do Pequeno Pajé, sem nenhum interesse em participar ativamente da doutrina.

**20** Nos cultos africanos, o terreiro é entendido como espaço sagrado para realização dos rituais. Na doutrina do Amanhecer, o terreiro é visto pelas crianças como local de liberdade, onde realizam brincadeiras e conversas, sendo também espaço de múltiplas possibilidades de aprendizagem.

## Referências

Amaral, Leila. *Carnaval da Alma*: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era. Petrópolis: Vozes, 2000.

- Bellah, Robert. *A Nova Consciência Religiosa*. São Paulo: 1977.
- Falcão, José. *O corpo mediador e a experiência pública*. Rio de Janeiro, 2010.
- Mauss, M.; Humbert, H. “Esboço de uma teoria geral da magia”. In: MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- Medeiros, Bartolomeu. *Movimento Nova Era*. Rio de Janeiro, 1998.
- Oliveira, Sérgio. *O pronto-socorro universal do Vale do Amanhecer*. Brasília, 2014.
- Ortiz, R. *A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda e sociedade brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 199.
- Pereira, Ana. *A linguagem simbólica e suas raízes africanas*. Salvador, 2005.
- Sassi, Mário. *Sob os olhos da clarividente*. 1. ed. Brasília: Ordem Espiritualista Cristã – Vale do Amanhecer, 1973.
- Sassi, Mário. *Doutrina do Amanhecer: fundamentos e missão*. Brasília, 1977.
- Sassi, Mário. *Sob os olhos da clarividente*. 2. ed. Brasília: Ordem Espiritualista Cristã – Vale do Amanhecer, 1974.
- Sassi, Mário. *No limiar do 3º milênio*. 3. ed. Brasília: Ordem Espiritualista Cristã – Vale do Amanhecer, 1974.
- Sassi, Mário. *O que é o Vale do Amanhecer*. 2. ed. Brasília: Ordem Espiritualista Cristã – Vale do Amanhecer, 1987.
- Zelaya, Neiva Chaves. *Autobiografia e livro de leis*. Brasília, 1976.
- Zelaya, Neiva Chaves. *Orientações doutrinárias dos Pequenos Pajés*. Brasília, 1992.